

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Ulysses afirma que PRN não será forte antes do ano 2000

por Maria Luisa Teixeira
de São Paulo

O deputado Ulysses Guimarães, candidato do PMDB a Presidência da República, afirma estar convencido de que seu partido, o maior do País, está unido em torno de sua candidatura — “tem muita gente brigando junto comigo” — e assegura que esta situação lhe concede “condições privilegiadas” na disputa da sucessão presidencial.

Para Ulysses, o partido é justamente o ponto fraco do candidato do PRN a Presidência, Fernando Collor de Mello (no momento, o primeiro colocado nas pesquisas de intenção de voto), pois ele não terá condições de tornar a legenda suficientemente forte até 15 de novembro.

Ulysses Guimarães, entrevistado no *Crítica e Autocrítica* do último domingo — programa produzido por este jornal, levado ao ar pela Televisão Bandeirantes —, disse que Collor não vai conseguir transfor-

mar o Partido da Reconstrução Nacional em uma legenda consistente antes do ano 2000. “Porque o tempo é a argamassa de um partido”, garantiu Ulysses, ao relembrar sua luta para fundar o antigo MDB (Movimento Democrático Brasileiro) durante o regime militar.

“Eu suei a camisa, andei por aí de seca a Meica, de pires na mão”, contou o deputado, apostando que, se ele e seus companheiros não o fizeram, certamente ninguém fará “um partido de lastro, de expressão nacional”, em menos de dez anos.

Bem disposto, o candidato do PMDB, de 72 anos, iniciou sua participação no programa *Crítica e Autocrítica* refutando a pecha de ser velho demais para a Presidência. “Essa crítica pretende revogar a história”, ponderou Ulysses, citando De Gaulle, Adenauer e Churchill, que foram chefes de Estado com mais de 70 anos. “O próprio presidente Mitterrand foi eleito quase com a minha idade para um mandato de sete

anos”, reforçou o deputado, acrescentando que, além de ruim, o argumento é inconstitucional, pois a atual Carta proíbe qualquer discriminação de sexo, raça ou idade.

Ulysses Guimarães também contestou que o PMDB tenha uma posição dubia em relação ao governo federal, observando que a oposição do partido a Sarney não tem sido “sistemática, mas sim patriótica”. “Nós realmente votamos em Tancredo Neves e José Sarney”, admitiu o deputado.

Ressaltou, no entanto, que a “posição de independência em relação ao governo”, confirmada em convenções nacionais, foi provocada pelo próprio presidente, que preferiu tomar decisões sem ouvir o PMDB.

Em relação à crise econômica, Ulysses ressaltou que a questão da dívida externa “está caminhando para uma solução de entendimento” e a dívida interna será o grande problema a ser resolvido. Ele não quis apontar medidas econômi-

cas para a difícil situação brasileira, alegando que anuncia-las com antecedência resultaria em torná-las inúteis. Além disso, daqui a cerca de um ano, quando o presidente eleito tomar posse, as soluções indicadas agora podem já não ser adequadas a uma realidade que será bem diferente.

Para os problemas sociais do País, o candidato do PMDB propõe que se transforme o “habitante” do Brasil em cidadão, isto é, naquele que “vota e é um consumidor”. Ulysses apontou apenas genericamente a promoção do desenvolvimento — “a resposta precisaria ser oceânica” — como arma para alcançar este objetivo. “Não basta ter a vontade política, é preciso transformar em realidade” qualquer boa intenção. “Ninguém come lema, ninguém mora em lema”, concluiu o deputado, referindo-se ao atual governo que, embora pregue “tudo pelo social”, tem provocado mais concentração de renda e mais miséria.